

MODA E MARCHA DAS VADIAS: REFLEXÕES SOBRE CORPO, SEXUALIDADE E VESTUÁRIO FEMININO

Fashion and Slut Walk: reflections on feminine body, sexuality and clothing

OLIVEIRA, Luiza Magalhães; Mestre; Centro Universitário UNA,
culturamoda.comunicacao@gmail.com¹

MASSARA, Izabel Haddad Marques; Doutora; Centro Universitário UNA,
izahaddadmoda@gmail.com²

Resumo

O artigo analisa o movimento *Slut Walk* ou Marcha das Vadias a partir de estudos sobre o corpo, a sexualidade e o vestuário feminino; além de expor apontamentos sobre a permanência de uma fantasia de degradação da mulher no inconsciente coletivo. Por fim, a partir da publicidade de moda, apresenta alguns questionamentos sobre a concepção e vivência da feminilidade.

Palavras Chave: Moda, Marcha das Vadias, Corpo, Sexualidade, Vestuário.

Abstract

The article analyzes the movement Slut Walk or March of Bitches from studies on female body, sexuality and clothing; besides exposing notes on the permanence of a woman's degradation fantasy in the collective unconscious. Finally, from fashion advertising, it presents some questions over the conception and the experience of femininity.

Keywords: Fashion, Slut Walk, Body, Sexuality, Clothing.

¹ Publicitária e Mestre em Comunicação Social (PUC MG); produtora de moda; coordenadora do Núcleo de Moda, docente do curso de Graduação em Moda e Pós-Graduação em Direção Criativa de Moda do Centro Universitário UNA.

² Psicanalista, Mestre e Doutora em Psicanálise (UFMG); docente do curso de Graduação em Moda do Centro Universitário UNA.

Introdução

O presente artigo se propõe a apresentar uma análise do movimento *Slut Walk* ou Marcha das Vadias e suas possíveis contribuições para alguns questionamentos sobre os modos de se conceber e experimentar o corpo, a sexualidade e o vestuário feminino; além de apresentar alguns questionamentos sobre a concepção e vivência da feminilidade a partir da publicidade de moda.

A fim de situar o leitor sobre o objeto de pesquisa a ser trabalhado, parte-se, inicialmente, da contextualização histórica do movimento, de seus desdobramentos ao redor do mundo e de suas ocorrências no Brasil. Algumas imagens ilustrativas dos protestos também são utilizadas para mostrar os principais questionamentos feitos pelos participantes. Estas imagens, selecionadas pelo Método de Análise de Conteúdo³, objetivam revelar elementos que, por repetição, podem trazer importantes reflexões sobre o corpo, a sexualidade e o vestuário feminino.

A partir destas imagens, as autoras sentiram-se provocadas a avaliar as raízes históricas da concepção machista sobre o corpo, a sexualidade e o vestuário, bem como suas funções na esfera pública e privada. Para tanto, são apontados alguns aspectos que demonstram como os corpos, a vivência da sexualidade e as vestes femininas no século XIX reforçam os códigos de uma sociedade patriarcal e condicionam a mulher como objeto (XIMENES, 2011).

Por fim, sob a luz da psicanálise freudiana, o artigo convida a pensar sobre o papel duplo da degradação da mulher, construído historicamente e contextualizado no inconsciente de homens e mulheres de diferentes civilizações, e que muitas vezes é apresentado nas imagens da publicidade de moda. Porém, a intenção não é afirmar a publicidade de moda como um lugar

³ Este método é baseado na identificação de alguns elementos visuais que, numa amostragem de imagens, se repetem significativamente. A partir da identificação destes elementos, que podem ser estrategicamente organizados em uma amostragem por estratificação, objetiva-se analisar qualitativamente os aspectos simbólicos que eles apresentam. Entende-se que os elementos que se repetem em um grupo de imagens podem indicar aspectos significativos de um contexto cultural mais amplo.

de reforço do machismo, mas como um campo ambíguo de interpretações sobre a concepção e a vivência da feminilidade.

Sob estes dados, tornou-se possível compreender como a visão sobre a publicidade de moda pode ser paradoxal, já que alguns a entendem como um lugar de reforço dos valores machistas, e outros a concebem como um campo de afirmação da autonomia do desejo feminino – uma reivindicação típica do movimento Marcha das Vadias.

O movimento *Slut Walk* ou Marcha das Vadias

O movimento *Slut Walk* surgiu no Canadá⁴, no ano de 2011, depois que um oficial de segurança fez uma palestra na Universidade de Toronto e, na ocasião, alertou as mulheres para que não andassem vestidas como vadias, a fim de não provocar a violência sexual masculina e, assim, evitar o estupro. A fala do oficial revoltou muitas mulheres que protestaram contra a idéia de que a violência sexual poderia ser causada pela forma como uma mulher ousa apresentar seu corpo e/ou como ela se veste. As participantes, usando lingerie, roupas curtas ou com seus corpos nus, foram às ruas questionar as concepções estereotipadas sobre o corpo, a sexualidade e as roupas femininas.

O movimento ganhou grandes proporções⁵ e homens e mulheres foram às ruas em várias partes do mundo (Estados Unidos, Austrália, Holanda, Suécia, Grã-Bretanha, Nova Zelândia, Argentina e Brasil – apenas para citar alguns). No território brasileiro, especificamente, os protestos foram além, abordando questões como a violência doméstica e a legalização do aborto.

Algumas imagens para ilustrar os protestos foram selecionadas sob o método de Análise de Conteúdo (ROSE, 2001). Dentre as diversas imagens disponíveis no banco de imagens do *Google*, foram escolhidas, sob três categorias – o corpo, a sexualidade e o vestuário – aquelas que, por repetição, poderiam validar os questionamentos sob estes três aspectos do feminino.

⁴Para mais informações, acesse <http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/noticias/marcha-das-vadias-chega-ao-brasil>

⁵ Para mais informações, acesse <http://www.mulheresnopoder.com.br/tag/slutwalk/>

Encontram-se expostas neste artigo as três imagens consideradas as mais representativas para estas questões. Em vista da formatação do trabalho, não foi possível dispor de mais imagens para cada categoria estabelecida.

Figura 1: *Marcha das Vadias*, Brasil (2011)

Fonte: Banco de imagens do Google



O corpo, a sexualidade e o vestuário feminino no século XIX: submissão e machismo

No início do século XIX, era cabível às mulheres apenas os trabalhos do lar, da maternidade ou das igrejas. As mulheres sofriam com a moral repressora vigente: não podiam viajar sozinhas, frequentar universidades ou sequer seguir uma profissão que não fosse a do magistério. Também não era cabível que uma mulher de respeito se demorasse em espaços frequentados pelo sexo masculino, tampouco revelar seu gozo com os prazeres do corpo e do sexo (XIMENES, 2011).

O traje feminino, nessa época, apresentava-se como um sinal destes papéis. A roupa, em vista do tempo ocioso que as mulheres dispunham e da moral que proibia a exibição dos corpos, era feita com muito decoro e carregada de pudor. Como as mulheres deveriam se recolher ao lar, os trajes que usavam nas raras ocasiões em que eram autorizadas a sair, não eram feitos para promover a mobilidade. Isto reforçava a fragilidade feminina, pois era preciso que uma mulher recebesse auxílio para se vestir e se locomover. O corpo feminino também era uma insígnia de sua fragilidade: percebido pelos homens como pouco desenvolvido (pequeno, frágil), deveria ser coberto e visto pelas mulheres apenas como um instrumento das funções naturais de reprodução (XIMENES, 2011).

A roupa feminina também cumpria a função de demonstrar o poder e a riqueza de seus maridos. Sobre essa última questão, é possível afirmar que o modo de vestir o corpo feminino era ditado pelo universo masculino, e que a roupa, portanto, se constituiu como:

(...) um incrível sinalizador de posição social e diferenciação de sexo, mostrando que a moda opera sobre um tripé de facetas: social, psicológica e estética. Todas essas diferenças posicionam as tarefas de cada um dos sexos da sociedade (XIMENES, 2011, p.26)

Nas ocasiões em que as mulheres eram exibidas como objetos, o corpo feminino revelava-se como paisagem visual masculina, uma vez que as roupas deveriam enfatizar os atributos físicos de uma boa progenitora e, portanto, aguçar o imaginário erótico dos homens. Saias volumosas destacavam o quadril e o traseiro das mulheres, enquanto os corpetes definiam sua cintura e despiam o colo e os braços. Curiosamente,

quem vestia os trajes sedutores que destacavam as nádegas eram justamente damas polidas e recatadas. Isso era uma inconfluência, pois erotizar o corpo de uma dama de moral e pudor tão vigiados gera um desencontro de lógicas (XIMENES, 2011, p.85).

A erotização do corpo das mulheres da época, por meio das roupas, ainda que sob uma lógica ambígua e sem a intenção de uma visibilidade política, instituiu a possibilidade delas serem vistas. “À roupa era transmitido o mais secreto anseio em sua frágil e submissa atitude: dentro do próprio espaço privado, a mulher se preparava para o olhar dos outros (...)” (XIMENES, 2011, p.47). O corpo e as vestes e o comportamento sexual feminino deveriam, portanto, produzir uma imagem que favorecesse o homem perante a sociedade. Tudo isso tinha a função de reforçar os códigos de uma sociedade patriarcal, ao passo que condicionava a mulher como objeto.

A condição submissa e a visão machista sob a existência feminina ainda permanecem na contemporaneidade, não obstante os avanços obtidos pelos movimentos feministas ao longo do século passado e neste início de século. As orientações do oficial de segurança na referida palestra são um exemplo, dentre vários outros que poderiam ser citados, destes resquícios. Se o machismo ainda permanece como um valor, ainda que diversos movimentos existam na contrapartida desta lógica de funcionamento social; sob que condições

inconscientes está marcada nossa sociedade para que não se rompa com este passado? Há algo da cultura que se mescla a um elemento inconsciente e que reforça a fantasia machista.

Uma fantasia de degradação: entre o machismo e a autonomia do desejo feminino

O psicanalista vienense Sigmund Freud escreveu uma série de textos que chamou de Contribuições à psicologia do amor I, II e III (1910, 1912, 1917). Nesses artigos, o pai da psicanálise descreveu algumas fantasias que ele dizia serem da ordem de “uma tendência universal à degradação” dos objetos no seio das relações amorosas humanas. Nos dois primeiros textos, a saber, “Um tipo especial de escolha de objeto feita pelo homem” e “Sobre a mais comum depreciação na vida amorosa”, ele discorre sobre as amarrações eróticas e psíquicas da vida sexual masculina em relação à figura da mulher. No último texto, “O tabu da virgindade”, encontra-se uma descrição da fantasia das mulheres sobre a relação sexual e a forma como elas se colocam como objeto diante do desejo masculino de degradação:

Vem aí o esforço de algumas mulheres em manterem secretas, por algum tempo, mesmo as relações lícitas e a capacidade de outras terem sensações normais tão logo se restabelece a condição da proibição, num caso amoroso secreto; infiéis aos maridos, podem guardar ao amante uma fidelidade de segunda ordem (FREUD, 1912, p.357).

Sob esta afirmativa é possível compreender que há no inconsciente feminino um desejo velado pelas relações ilícitas, em que a mulher se vê como a Outra, talvez encarnando o papel da prostituta. Para tornar o campo de análise ainda mais intrigante, é preciso também partir da idéia de que, na esfera inconsciente, o desejo masculino cliva a imagem da mulher em duas correntes: uma terna e outra sexual, ou seja, no amor fraternal e no amor carnal. Nesse par de opostos, a mulher será ora levada a responder como santa, ora como puta.

A partir das disposições sexuais masculinas e femininas, que produzem essas dicotomias psíquicas, é que surge uma possibilidade de explicação para o movimento *Slut Walk* ou Marcha das Vadias ser localizado sob a representação da existência de valores paradoxais no contemporâneo: há uma realidade

psíquica paradoxal sobre a imagem da mulher no inconsciente coletivo, sob a qual é preciso verificar de que forma os dois sexos se relacionam e rivalizam na esfera amorosa, amparados por essa única fantasia (santa e puta).

Sabe-se que diversas questões sobre o feminino foram e ainda são palco de tensões políticas, sociais e psíquicas. As mulheres encarnaram e ainda encarnam o lugar das tensões entre os sexos, incitando os temores em relação a esse lugar; que se desdobram nas fantasias, principalmente nas masculinas. Dentre esses devaneios masculinos de temor às mulheres, tem-se o exemplo da *vagina dentada*, cuja fantasia é a de perder o pênis ou ser engolido durante a relação sexual; ou os delírios de ciúmes em relação a uma mulher traidora, desleal e diabólica; entre outras tantas fantasias que proliferam no imaginário popular masculino. Estes temores incitam diversos tabus em relação à mulher.

(...) e não se pode negar que um temor básico ante a mulher se exprime em todos esses preceitos para evitá-las. Talvez ele se fundamente no fato de a mulher ser algo diferente do homem, eternamente incompreensível e misteriosa, estranha e por isso aparentemente hostil. O homem teme ser debilitado pela mulher, contagiado por sua feminilidade (FREUD, 1917, p.374).

Não é um mero acaso que o corpo ou o comportamento dessa mulher sejam tomados por uma série infundável de fantasias de exceção e de poder - puta, santa, fada, bruxa. Ela sempre foi, no inconsciente coletivo, o campo fronteiro entre natureza e cultura. Por isso talvez o oficial tente prevenir as mulheres às avessas de seus poderes de sedução, para não desencadear a violência sexual masculina. Entretanto, isso é um contra senso, pois essa fantasia só se sustenta se os homens forem objetos do eterno fascínio diabólico do corpo das mulheres.

Nesse sentido, o lugar da mãe deve ser pensado para compreender esse papel diabólico e fascinante do corpo feminino e do desejo incestuoso por ele. Mesmo que as correntes feministas tenham tentado produzir uma igualdade entre corpos e papéis femininos e masculinos; o fato de que o corpo da mãe seja, por motivos óbvios, o lugar do enigma da existência e da origem da vida, produz efeitos psíquicos indelévels na forma como o corpo e a sexualidade da mulher são tratados na esfera amorosa e social. Esse corpo erotizado nos

remete a esse papel do corpo da mãe em nossa fantasia, por isso ele está colocado como um campo de tensões.

Sob o enigma da existência e da origem da vida no corpo e na sexualidade da mulher reside uma fantasia de exaltação e culto a uma rainha, santa, virgem, fada, sereia; mas justamente sob o mesmo enigma também são gerados diversos temores masculinos, que resultam em uma fantasia de degradação. Assim, essa figura feminina encarna um paradoxo entre a paixão e o temor, entre a mãe santa e a mulher puta em que ela pode se transformar.

Este paradoxo – entre a paixão e o temor pelo feminino – também se apresenta por meio da configuração de uma relação edipiana. O lugar velado da matriz (essa mulher que tem o poder da criação) é pervertido e passa a ser degradado desde que no complexo de Édipo a mãe é a mulher do pai. Ou seja, na teoria freudiana, a idéia que o menino tem de que sua mãe é somente sua, cai por terra quando a presença da lei paterna o proíbe de ter acesso ao corpo dessa mulher pela interdição do incesto. Nesse momento, é inconscientemente produzida uma série de sentimentos em relação à figura desse pai e dessa mãe que também é uma mulher. Essa mulher, que antes parecia uma propriedade sua, agora se deita com o pai, tomando o lugar numa triangulação da fantasia que a localiza como uma prostituta. Freud localiza essa vicissitude inconsciente para dizer que, ao crescer e procurar um objeto amoroso, o menino tem uma tendência universal à depreciação, à degradação da figura da mulher: “Nas fantasias de garotos que rebaixam a mãe ao nível da mulher fácil, constituem esforços (...) de ganhar a mãe como objeto de sensualidade, pela depreciação” (FREUD, 1917, p.353).

O motivo disso é inconsciente e se mantém permanente sob uma estrutura de relação héteroafetiva, pois a imagem imaculada da mãe precisa ser, em parte, degradada; para que o homem consiga tomar esse corpo de mulher não mais como o corpo materno, mas como um objeto de desejo que seja sexualizado na fantasia. É paradoxal, mas na fantasia masculina (e por que não dizer, na feminina também) há uma convivência entre esses dois opostos: a corrente de adoração da Dama, cortejada e amada, e a da degradação do objeto de desejo: “Diz a si mesmo, com cínica coerência que a diferença entre a mãe e

a puta não é assim tão grande, afinal, pois no fundo fazem a mesma coisa” (FREUD,1910, p.342).

Lança-se mão dessa teoria sobre a degradação para compreender tanto a reação masculina de depreciar a mulher socialmente, como a reação das mulheres de se despirem ou de se vestirem com roupas curtas ou lingerie e tomar as ruas para protestar contra essa fantasia de objeto. A Marcha das Vadias mostra o quanto o corpo e a sexualidade feminina se apresentam na fantasia masculina degradados pelo simples fato da mulher nua e erotizada poder parecer ou ser a perversão da figura da mãe em uma puta.

Diante da idéia de que o corpo feminino serve a uma dupla fantasia, de exaltação e de degradação, como pensar o lugar da mulher nessa realidade paradoxal? Ela não padece de um lugar localizado por algumas feministas, que acreditam que, socialmente, a figura feminina é mero objeto do discurso patriarcal; e nem do papel que o pensamento machista atribui a essa mesma mulher, responsável pela atitude de violência sexual pelo simples fato de exhibir seu corpo. Essas duas posições são radicais, e não levam em consideração o papel dialético que tem o corpo feminino na fantasia sexual.

Nesse sentido, o que a Marcha das Vadias propõe ao expor os corpos e levarem as mulheres a desejarem se vestir de putas? Essas protestantes não estão contribuindo com o reforço destes mesmos estereótipos, mas afirmando que podem se mostrar como quiserem, e até mesmo serem *ativamente passivas*, ou seja, **se assim desejarem**, podem ocupar a posição de objeto do desejo de um homem.

Sobre ser *ativamente passivas*, estamos tratando de uma das idéias que Freud fazia sobre a feminilidade e que pode ser uma boa teoria para interpretar esse movimento. Para ele, a mulher deveria aceder a uma feminilidade tornando-se em algum sentido *ativamente passiva*: ao acionar uma libido que é masculina, ela deveria lançar mão dessa energia sexual com fins passivos, **mas por seu desejo e não por submissão ao desejo do Outro**.

Ou seja, se na Marcha das Vadias as mulheres se vestem exatamente com as máscaras da fantasia masculina de degradação, é ali, naquele campo,

que elas se mostram ativas, pois consentem em atrair o olhar e a atenção masculina, mas sem o sentido da submissão ou sem qualquer consentimento abusivo sobre sua sexualidade, seus corpos e suas vestes. O objetivo é reivindicar a autonomia do desejo feminino, de encarnar os papéis que ela bem quiser.

A publicidade de moda: olhares ambíguos sobre o feminino

Sobre esse lugar de degradação da mulher no discurso da publicidade de moda, pode-se lançar mão do exemplo da campanha da marca Dolce & Gabbana, produzida e lançada em 2007 e que, segundo a crítica recente⁶ da publicitária e produtora de moda, Kelly Cutrone (sobre uma das imagens da campanha), sugere uma cena de estupro coletivo. Talvez; mas essa mesma mulher pode estar no domínio da cena, pois assim pode se estruturar seu desejo, se ela quiser.

Figura 2: Campanha Dolce & Gabbana Primavera Verão (2007)

Fonte: Banco de imagem do Google



Outra campanha publicitária que incita esse lugar de degradação da mulher foi a da marca brasileira de moda Hope, que lançou em setembro de

⁶ A publicitária fez esta crítica em março de 2015, logo após o polêmico depoimento dos estilistas da marca, Domenico Dolce e Stefano Gabbana, que declararam não apoiarem casais do mesmo sexo se casarem ou terem filhos. Para mais informações, acesse: <http://br.eonline.com/2015/grife-dolce-gabbana-e-acusada-de-sugerir-cena-de-estupro-em-campanha/>

2011⁷, junto com a modelo Gisele Bündchen, uma série de vídeos ensinando como as mulheres deveriam dar uma notícia ruim aos maridos. Em um deles, por exemplo, a personagem do comercial comunica que bateu o carro primeiro vestida, e o comportamento é tido como errado; depois ela comunica o mesmo fato só usando lingerie, e o comportamento é tido como certo. Muitas pessoas acreditam que essa campanha é machista. Entretanto, vejam bem, essa mulher pode jogar com a fantasia masculina e desejar ser esse objeto, mesmo quando isso não parece aceitável.

Figura 3: Campanha Publicitária Hope (2011)

Fonte: Banco de imagem do Google



Para alguns, ambas as campanhas das marcas de moda acima reforçam os estereótipos machistas sobre as mulheres, simbolizando valores de uma sociedade ainda patriarcal. Para outros, estas campanhas podem simbolizar uma marcha a favor da autonomia do desejo feminino.

O corpo e a roupa ainda são um lugar de expressão ou de questionamento dos limites do pudor e de sedução erótica, de aspectos morais e culturais. As roupas femininas, bem como a construção cultural de seus corpos e de sua sexualidade, perpassaram, por muito tempo, o olhar masculino. Mas, ainda que os homens tenham definido uma moda do corpo, do vestir e da sexualidade feminina no século XIX; e ainda que parte destas heranças estejam presentes no contemporâneo, pode-se afirmar também que há movimentos caminhando na

⁷ Para mais informações, acesse: <http://oglobo.globo.com/politica/governo-pede-suspensao-de-propaganda-com-gisele-bundchen-apos-receber-reclamacoes-2746918>

lógica dos tempos hipermodernos, rompendo com as tradições e celebrando a pluralidade e a celeridade (LIPOVETSKY, 1989).

Abre-se um campo de possibilidades para novas formas de conceber e vivenciar o corpo, a sexualidade e a vestimenta feminina, bem como de expressá-los por meio de imagens de moda. A moda e a publicidade de moda, bem como A Marcha das Vadias podem ser, portanto, uma forma de interferência e expressão destas metamorfoses culturais. Tudo isto, no entanto, só se torna possível quando também lançamos uma outra visão sobre a moda; aquela que, ao contrário do que afirma Lipovetsky (1989), não compactua com as novidades superficiais. Estamos falando de uma moda que propõe rupturas significativas e nos convida a pensar tanto os elementos de opressão feminina quanto de seu desejo, apresentando um campo fértil para a produção de questionamentos e de reflexões sobre os novos modos de se conceber e vivenciar a feminilidade.

Referências

FREUD, S. Um tipo especial de escolha de objeto feita pelo homem (1910), in: FREUD, S. Obras Completas, Vol. 9. 1ª. Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FREUD, S. Sobre a mais comum depreciação na vida amorosa (1912), in: FREUD, S. Obras Completas, Vol. 9. 1ª. Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FREUD, S. O tabu da virgindade (1917), in: FREUD, S. Obras Completas, Vol. 9. 1ª. Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LIPOVETSKY, Gilles. O Feérico das Aparências, in: LIPOVETSKY, Gilles. O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 27 - 158.

ROSE, Gillian. Content Analysis: counting what you (think you) see, in: ROSE, Gillian. Visual Methodologies: An Introduction to the Interpretation of Visual Materials. Sage Publications: 2001, p.54 – 68).

XIMENES, Maria Alice. Moda e arte na reinvenção do corpo feminino do século XIX. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011; Rio de Janeiro: Editora Senac Rio.